



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2022v31n1.61262

Autores: Allene Carvalho Lage; Perycles Emmanoel Macedo

Titulo do texto: Movimentos sociais e educação superior das mulheres: percursos formativos das ativistas do Coletivo Lutas e Cores em Caruaru-PE

MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO SUPERIOR DAS MULHERES: PERCURSOS FORMATIVOS DAS ATIVISTAS DO COLETIVO LUTAS E CORES EM CARUARU-PE

Allene Carvalho Lage [*]

Perycles Emmanoel G. de Macêdo [**]

[*]Doutora em Sociologia pela Universidade de Coimbra (2006). Professora Associada da UFPE/CAA. Orcid: 0000-0002-9936-3033. E-mail: AlleneLage@yahoo.com.br.

[**]Mestrando em Educação Contemporânea pelo PPGEDU na UFPE-CAA. Graduado em Licenciatura em pedagogia na UFPE – CAA. Orcid: 0001-9807-7126. E-mail: perycles.macedo@gmail.com

RESUMO

Este artigo pretende identificar os principais elementos formativos que contribuíram para que as mulheres ativistas do Coletivo LGBT Lutas e Cores ingressassem nos movimentos sociais. Em nosso referencial teórico, procuramos definir os movimentos sociais e destacar seu caráter educativo, bem como buscamos discutir a educação superior no Brasil como nível de ensino que incide sobre o desenvolvimento da consciência política. O estudo de campo foi elaborado a partir de uma abordagem qualitativa, foi adotado o Método do Caso Alargado e a entrevista semiestruturada para levantamento dos dados empíricos que foram trabalhados através da Análise do Conteúdo. Os resultados da pesquisa indicam haver uma relação de mútua influência entre os movimentos sociais e o ensino superior e apontam que o trato científico das pautas políticas, tanto nos movimentos sociais quanto na academia, assim como o encontro formativo com diversidade de ideias em ambos os espaços, foram os principais elementos formativos que contribuíram para que essas mulheres ativistas ingressassem nos movimentos sociais.

Palavras-chave: Educação Superior. Movimentos Sociais; Educação



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2022v31n1.61262

Autores: Allene Carvalho Lage; Perycles Emmanoel
Macedo

**Titulo do texto: Movimentos sociais e educação
superior das mulheres: percursos formativos das
ativistas do Coletivo Lutas e Cores em
Caruaru-PE**

Introdução

Os movimentos sociais constituem-se como espaços privilegiados, tanto para colocar em andamento o desenvolvimento político de uma sociedade comprometida com a superação dos processos históricos de exclusão e de marginalização, como para propor novos modos de ser e novas compreensões a respeito do exercício da cidadania (STRECK, 2006). Observar como esses projetos de civilização têm sido desenvolvidos, certamente nos coloca diante da constatação de um exercício educativo dos movimentos sociais. Por outro lado, estimular a reflexão que questione as estruturas vigentes em busca de um aprimoramento social, tem sido tarefa atribuída ao ensino superior (BRASIL, 1996). Esses objetivos não estão distantes daqueles almejados pelos movimentos sociais. Ambos, o ensino superior e os movimentos sociais, partem do pressuposto de que é possível uma experiência da cidadania mais próxima da expressão de equidade e justiça social.

A ampliação do atendimento das Universidades Federais, através das Políticas Afirmativas da Educação, superior trouxe significativas transformações em diversos setores sociais (CORDEIRO, 2013). Percebe-se que, se durante a década de 2000, a falta de renovação nas lideranças de movimentos sociais era preocupante, o quadro parece ter se transformado. Atualmente, jovens lideranças têm chegado aos movimentos sociais com formação superior em andamento ou concluída (LAGE, 2018). Portanto, inferimos que as experiências formativas em movimentos sociais, vivenciadas principalmente nos cursos de ciências humanas, têm repercutido de modo a estimular o desenvolvimento da consciência política. Assim, interessados/as em compreender algumas das relações que se estabelecem entre o ensino superior e os movimentos sociais, tomando como contribuintes em nosso estudo as mulheres com formação superior concluída, organizadas no Coletivo LGBT Lutas e Cores (LC) da cidade de Caruaru-PE, nos perguntamos o seguinte: que elementos formativos contribuíram para que as ativistas do LC ingressassem nos movimentos sociais?



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2022v31n1.61262

Autores: Allene Carvalho Lage; Perycles Emmanoel
Macedo

Titulo do texto: Movimentos sociais e educação superior das mulheres: percursos formativos das ativistas do Coletivo Lutas e Cores em Caruaru-PE

Para responder essa pergunta, primeiramente, buscaremos (1) destacar as principais concepções de movimentos sociais compartilhados pelas ativistas do LC, depois, procuraremos (2) apontar as principais compreensões acerca do ensino superior compartilhados pelas ativistas do LC e, finalmente, tentaremos (3) evidenciar a relação de mútua influência que se estabelece entre o ensino superior e os movimentos sociais na trajetória das ativistas do LC.

Movimentos sociais: um contradiscurso formativo

O conceito de movimentos sociais surge por volta de 1840, para estudar os movimentos proletários oriundos do complexo emaranhado de relações sociais que emergiu com a explosão da Modernidade Industrial (STRECK, 2006). Muito embora saibamos que esse tipo de dinâmica revolucionária na prática social, que se opõe a um sistema excludente, pode ser observado desde a Antiguidade – basta pensarmos nos meduti, revolucionários do Antigo Egito, que, conforme mostra Manacorda (2010), opunham-se às classes dominantes através de um uso insurgente e não autorizado da palavra. A noção de movimentos sociais, contudo, não se aplica a todas as modalidades da prática social coletiva. Touraine destaca que, mesmo que os movimentos sociais sejam expressões da prática social, há nessa modalidade algo distinto: o caráter conflitivo que coloca em questão um modelo de dominação social generalizada. Segundo afirma,

[...] um movimento social é a combinação de um conflito com um adversário social organizado e da referência comum dos dois adversários a um mecanismo cultural sem o qual os adversários não se enfrentariam, pois poderiam se situar em campos de batalha ou em domínios de discussão completamente separados – o que impediria, por definição, tanto o conflito e o enfrentamento quanto o compromisso ou a resolução de conflito (TOURAINÉ, 2006, p.19).

Portanto, o conceito de movimento social aponta para o conflito que se estabelece entre atores cujos interesses são antagônicos no intuito de controlar o rumo do desenvolvimento histórico. Importa destacar que a constituição dos movimentos sociais, tal



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2022v31n1.61262

Autores: Allene Carvalho Lage; Perycles Emmanoel
Macedo

**Titulo do texto: Movimentos sociais e educação
superior das mulheres: percursos formativos das
ativistas do Coletivo Lutas e Cores em
Caruaru-PE**

qual temos aqui descrito, congrega pelo menos três elementos distintos: o ator, seu adversário e o que está em jogo no embate político (TOURAINÉ, 1977, *apud* PICOLOTTO, 2007).

A noção de ator diz da agentividade coletiva dos sujeitos. O indivíduo, à medida que age como sujeito, torna-se ator – alguém que não se conforma com o lugar que ocupa no arranjo social e age no sentido de transformá-lo (SILVA, 2008). Para compreender os interesses que mobilizam seu adversário podemos recorrer ao cenário da Modernidade Industrial e lembrar que, ali, diante de um sistema fabril desumanizador, toda a complexidade da vida humana era reduzida à dimensão da produção e do consumo capitalistas. Obviamente, significativas mudanças ocorreram nos movimentos sociais desde então, mas permanece a intencionalidade de não permitir a redução dos sujeitos ao nível de coisas. Por último, o que está em jogo no embate político dos movimentos sociais, ou seu pano de fundo, é, conforme aponta Streck (2006), a contestação das políticas neoliberais e seus muitos desdobramentos.

Em seu estudo sobre as abordagens teóricas dos movimentos sociais, Picolotto (2007) as apresenta da seguinte maneira: Modelo Clássico e Novas Interpretações. Em ambas, é possível perceber um caráter educativo. O Modelo Clássico Marxista, encarnado pelo Partido Operário, centrava-se na análise dos processos históricos globais. Em tal abordagem, a luta é concebida como mola propulsora da história. Destacam-se as relações de desigualdade econômica que se estabeleciam entre burgueses e proletários na luta de classes. Neste modelo, enfatiza-se o papel da violência como tática de coerção e estratégia de luta, “[...] em síntese, os movimentos sociais são concebidos de maneira puramente instrumental, ou seja, como meios mais eficientes para alcançar a distribuição radical dos bens [...]” (PICOLOTTO, 2007, p.158). As Novas Interpretações, sobretudo com o paradigma dos Novos Movimentos Sociais, emergem de uma crítica à abordagem ortodoxa marxista. Sua principal preocupação é analisar os movimentos que se constituíram a partir da década de 1960. Ainda segundo o autor, “[...] uma das principais críticas dirigidas a abordagem marxista ortodoxa refere-se ao seu arcabouço teórico, que privilegia a análise das estruturas sociais (especialmente a econômica), consideradas como determinantes da ação humana [...]” (p.160). Portanto, é



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2022v31n1.61262

Autores: Allene Carvalho Lage; Perycles Emmanoel
Macedo

Titulo do texto: Movimentos sociais e educação superior das mulheres: percursos formativos das ativistas do Coletivo Lutas e Cores em Caruaru-PE

característico dos movimentos sociais a proposição de um contradiscurso educativo. Nesse sentido, tendo em vista o potencial de resignificação desses contradiscursos, é possível afirmar que os movimentos sociais são educativos em duas direções: “[...] uma vez pelo tipo de práticas pedagógicas que promovem em seu interior e, outra, pelo que representam como fator pedagógico para a sociedade em que se realizam [...]” (STRECK, 2006, p.103).

Educação superior das mulheres: um desenvolvimento em espiral que parte da educação

Em termos históricos, a preponderância feminina no ensino superior, como assinala Andreia Barreto (2014) é fato recente. Ainda na década de 1950, pouco mais de setenta anos atrás, esse sujeito representava apenas 26% do total de matrículas (BARRETO, 2014). Em 1971, representavam cerca de 40% do total de matrículas na educação superior. Somente na segunda metade do século XX, precisamente na década de 1980, de acordo com Alves e Beltrão (2009), é que o hiato de gênero na educação (*gender gap*) finalmente foi superado.

Ao longo de sua história, as elitistas universidades brasileiras mantiveram fora de seus muros diversos sujeitos. Somente entre o final da década de 1990 e o início da década de 2000, as universidades públicas passam a atender de forma mais expressiva sujeitos das classes populares (GISI, 2006). Se hoje, apesar de persistirem determinadas formas de disparidade de gênero em ambiente acadêmico, as mulheres se constituem parcela majoritária do ensino superior, é preciso lembrar que tal resultado não ocorreu naturalmente, mas resulta de uma série de enfrentamentos políticos e disputas de narrativas no debate educacional.

São muitos os significados que a educação superior pode assumir na vida dos sujeitos – desde a possibilidade de segurança material, até a realização pessoal e intelectual. Portanto, ao falarmos de educação superior, não estamos apontando para um distintivo social, mas para o direito a uma experiência que pode ser profundamente transformadora e que, até agora, não tem se mostrado completamente acessível a todas as camadas da população. Nesse sentido, parece-nos importante tentar destacar alguns desses significados.



A historiografia dos feminismos nos leva a perceber um certo movimento de desenvolvimento em espiral que parte da educação e se alarga na direção de outras pautas. Tal movimento se origina da reflexão de mulheres de classes financeiramente favorecidas que, em virtude de sua condição de privilégio econômico e cultural, a qual lhes permitia acesso às discussões progressistas de seu tempo, foram capazes de interpretar as contradições sociais vigentes em seus contextos e, a partir daí, empenharam-se em estender o direito à educação também a outras mulheres – o que acabou por desencadear uma série de desdobramentos posteriores.

Na introdução de seu clássico “O Segundo Sexo”, publicado em 1949, Beauvoir enfrenta a questão de saber quem poderia refletir adequadamente sobre a situação concreta da mulher de seu tempo. A filósofa argumenta que os pensadores feministas deveriam ser lidos com desconfiança, já que “[...] mesmo o homem mais simpático à mulher nunca lhe conhece bem a situação concreta. Por isso não há como acreditar nos homens quando se esforçam por defender privilégios cujo alcance não medem [...]” (BEAUVOIR, 2016, p.23). Ela conclui que as mulheres que tiveram a sorte de ver-lhes restituído o *status* de seres humano é que poderiam empreender tal tarefa. Assim, justifica que foi sua própria condição de privilegiada e, conseqüentemente, culta, erudita, etc. que lhe conferiu meios para elaborar sua teorização.

Na experiência brasileira verifica-se algo nesse mesmo sentido. Enquanto o que era compreendido como educação das mulheres podia-se verificar, na realidade concreta, como uma mera preparação para o destino de esposas e mães (HARNER, 2003), as mulheres que deram início às discussões feministas no Brasil eram, quase exclusivamente, filhas de classes privilegiadas que foram educadas em ambientes que lhes permitiam acesso ao saber elaborado.

Inferimos que tenha sido justamente esse acesso ao saber elaborado um dos elementos centrais que permitiram que tais mulheres sistematizassem toda uma abordagem política de ativismo, capaz de descortinar as opressões e propor novos cenários baseados na ideia de emancipação por meio da educação. Essas primeiras ativistas “[...] viram na educação um



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2022v31n1.61262

Autores: Allene Carvalho Lage; Perycles Emmanoel
Macedo

Titulo do texto: Movimentos sociais e educação superior das mulheres: percursos formativos das ativistas do Coletivo Lutas e Cores em Caruaru-PE

modo de ampliar as opções para sua independência econômica e também sua melhoria social [...]” (HARNER, 2003, p.27), e, certas de que sem acesso à educação superior não poderiam assumir cargos de prestígio, partem para uma estratégia de “despertar outras mulheres” (ibdem). Desse modo, se estabelece a relação entre uma formação intelectual robusta e o despertar da consciência política engajada.

O desenvolvimento posterior dos feminismos nos mostra ainda que, ao passo que um número maior de mulheres acessa os níveis mais elevados da educação formal, à medida que as discussões se aprofundam e os direitos se consolidam, mais nuances da opressão histórica explicitam-se, assim como desenvolvem-se mais estratégias de enfrentamento. Nesse sentido, podemos acompanhar esse desenvolvimento em espiral através das principais diferenças históricas dos feminismos brasileiros ao longo do tempo. Como nos mostra Costa (2005), as discussões que partem da educação ampliam-se cada vez mais, passando a pautar, nas décadas posteriores, o direito ao voto, melhores condições de trabalho, o caráter público e político das assimetrias ditas pessoais, o direito a uma sexualidade autônoma e as diversas possibilidades de expressões de gênero¹. Nesse sentido, se os feminismos inauguram suas discussões como “bem comportados”, acabam por se constituir, posteriormente, como movimentos revolucionários, responsáveis pela construção de uma epistemologia cuja radicalidade erigiu um contradiscurso incontornável (RAGO,1998).

O que tentamos destacar é que, se, como sinaliza a LDB 9394/96, o ensino superior pode oferecer a quem estuda uma imersão no saber elaborado, assim como um estímulo à superação dos problemas do tempo presente, torna-se imprescindível que conheçamos com maior proximidade essa instituição e nos apropriemos dela de forma coletiva. Portanto, é preciso que continuemos a afirmar esse lócus de produção do conhecimento como um espaço possível também para os sujeitos que a sociedade tem mantido, insistentemente, fora de seus muros.

¹ Sobre gênero, ver Scott (1995).



METODOLOGIA

Adotamos para esse estudo a abordagem qualitativa (MINAYO, 2008 A investigação que realizamos se deu por meio de uma pesquisa exploratória (GIL, 2002). Utilizamos também o Método do Caso Alargado (SANTOS, 1983), que tem origem na Antropologia Social e se baseia no estudo de uma realidade determinada, um caso, ao qual alargamos os contornos que lhe são próprios para daí, então, buscar compreender outras realidades. Para Santos (1993, p.11), o Método do Caso Alargado:

[...] em vez de reduzir os casos às variáveis que os normalizam e tornam mecanicamente semelhantes, procura analisar, com o máximo de detalhe descritivo, a complexidade do caso, com vista a captar o que há nele de diferente ou de único. A riqueza do caso não está no que nele é generalizável, mas na amplitude das incidências estruturais que nele se denunciam pela multiplicidade e profundidade das interações que o constituem [...]

Nossa pesquisa se debruça sobre as mulheres organizadas no Coletivo Lutas e Cores (LC) com formação em curso superior completa. O coletivo LGBT Lutas e Cores, fundado em outubro de 2014, é um movimento organizado em torno da pauta do fortalecimento da cidadania LGBT na cidade de Caruaru-PE. Na nossa coleta de dados, contamos com a colaboração de quatro mulheres ativistas organizadas no LC. Para preservar suas identidades e, assim, atender às questões éticas que perpassam as pesquisas com seres humanos, a essas ativistas nos referiremos por Ativista LC 1, 2, 3 e 4.

Em nosso estudo, optamos pela entrevista semiestruturada como técnica de coleta de dados (GATTI, 2010). Essas entrevistas foram realizadas entre setembro de 2019 e dezembro de 2020. Para a sistematização dos dados, optamos pela Análise do Conteúdo desenvolvida por Lawrence Bardin (2016). Esse instrumento metodológico conta com três etapas: a primeira é a fase da pré-análise, onde organizamos os dados e temos o primeiro contato com o material. A segunda etapa é a exploração do material; essa geralmente é uma fase mais demorada, pois objetiva administrar sistematicamente as decisões tomadas na pré-análise.



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2022v31n1.61262

Autores: Allene Carvalho Lage; Perycles Emmanoel
Macedo

Titulo do texto: Movimentos sociais e educação superior das mulheres: percursos formativos das ativistas do Coletivo Lutas e Cores em Caruaru-PE

Finalmente, a terceira, é o tratamento dos dados, etapa na qual são construídas as inferências e a interpretação dos dados trabalhados.

Movimentos sociais e educação superior na experiência das ativistas do Coletivo Lutas e Cores

Conforme apontamos no marco teórico, os movimentos sociais podem ser descritos como expressão de disputa entre dois sujeitos socialmente referenciados cujos valores e projetos antagonizam. Veremos, a partir de agora, como essa categoria se apresenta na experiência concreta das ativistas do LC.

A primeira transcrição que analisamos aponta alguns aspectos do caráter educativo dos movimentos sociais já destacados. Como podemos acompanhar no extrato apresentado abaixo, o processo de organização no LC proporcionou à ativista entrevistada a possibilidade da construção de um olhar não generalista: pois percebeu que as diferentes mulheres enfrentam questões específicas, mas podem, a partir do que lhes é comum, partilhar de um sentimento de irmanação – tal qual sugerido pela palavra “sororidade”.

[...] através do feminismo, eu descobri que eu não estava sozinha, que não existe um feminismo, mas feminismos. Somos mulheres diversas, com pautas diversas. As mulheres gordas têm uma pauta, as mulheres trans outra, as mulheres negras outra. Então, eu comecei a enxergar as mulheres como irmãs. Descobri a palavra sororidade [...] (Ativista LC 1, Entrevista: 20/05/2020).

Um segundo destaque sobre os movimentos sociais parece confirmado por nossa imersão em campo: aquele que diz respeito à passagem da esfera individual à coletiva – ou seja, de indivíduo para ator. A ativista LC 2 relata que, a partir de sua organização no LC, passou a compreender a possibilidade de protagonizar a sua própria vida. Para essa ativista, a entrada nos movimentos sociais representou fortalecimento e mudança em sua compreensão de mundo. De acordo com seu relato, o diálogo com os movimentos sociais:

[...] mudou minha compreensão de mundo quando eu comecei a entender que eu poderia ser protagonista da minha própria história [...] isso a gente só consegue se a gente construir coletivamente de forma contínua, juntos. Se a gente não estiver



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2022v31n1.61262

Autores: Allene Carvalho Lage; Perycles Emmanoel Macedo

Titulo do texto: Movimentos sociais e educação superior das mulheres: percursos formativos das ativistas do Coletivo Lutas e Cores em Caruaru-PE

fortalecida, a gente não consegue. Então, a partir do momento que eu consegui compreender isso, eu tive uma mudança muito significativa na forma de enxergar o mundo mesmo [...] (Ativista LC 2, Entrevista: 09/06/2020).

Em nossa incursão teórica, destacamos o quanto o ensino superior e as elaborações de diferentes campos do saber podem fomentar o desenvolvimento da consciência política. Contudo, nossa imersão no campo empírico revela a existência de um outro movimento: a formação teórica, veiculada pelos próprios movimentos sociais. A transcrição apresentada abaixo revela o quanto esse tipo de formação pode representar uma educação erudita (teórica, política e filosófica), mesmo quando tais conteúdos não parecem figurar entre os interesses curriculares do ensino superior:

[...] na minha formação eu não estudei nenhuma mulher feminista. Mas eu li um pouco sobre as mulheres dentro da Contabilidade. Vi que demorou muito pra isso acontecer, porque as mulheres eram vistas mais como secretárias [...] então, eu li, mas fora da universidade, dentro dos movimentos sociais mesmo [...] todas as leituras que eu fiz, tanto antes do meu curso, quanto durante, foi por influência dos movimentos [...] (Ativista LC 03, Entrevista: 23/06/2020).

O último ponto que desejamos destacar nesta etapa refere-se à repercussão da incursão nos movimentos sociais na esfera individual. A ativista, cuja fala aparece transcrita abaixo, nos conta que, após seu processo de organização no LC, vivenciou a descoberta de certos aspectos de si mesma. Em tal percurso, percebeu-se imersa em contradições e inserida em estados adoecedores nos quais não pretendia permanecer, já que comprometiam sua saúde mental. Ela nos conta o seguinte:

[...] foi no ativismo que descobri que vivia um relacionamento que só me deixava mal com meu próprio corpo e aparência. O feminismo me trouxe descobertas que ajudaram a melhorar minha saúde mental e física. Também me ajudou a não enxergar outra mulher como inimiga. Foi uma peça fundamental pra minha transformação como mulher [...] (Ativista LC 4, Entrevista: 10/10/2020).

A partir do extrato acima, é possível inferir que a educação veiculada pelos movimentos sociais pode agir de modo a propor uma visão pautada no cuidado de si (FOUCAULT, 2010), um itinerário de descoberta de si e de auto aceitação. Por conseguinte, seria razoável sinalizar que esses movimentos apontam para a necessidade da busca de



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2022v31n1.61262

Autores: Allene Carvalho Lage; Perycles Emmanoel
Macedo

Titulo do texto: Movimentos sociais e educação superior das mulheres: percursos formativos das ativistas do Coletivo Lutas e Cores em Caruaru-PE

estados de saúde mental que permitam aos indivíduos e sujeitos um exercício pleno de si mesmos.

A partir das elaborações teóricas com as quais dialogamos, foi possível sustentar que a entrada das mulheres no ensino superior mostrou-se um dos principais propulsores desses sujeitos em termos individuais, sociais, políticos e econômicos. Compreendemos que essa etapa do ensino fomentou um movimento de desenvolvimento em espiral, que parte da educação e se alarga de modo a ampliar o debate e o engajamento das mulheres na disputa por cidadania. Agora, pretendemos demonstrar como essa categoria se apresenta na experiência concreta das ativistas organizadas no LC. Nossa primeira participante, que durante as entrevistas vivenciava seu segundo curso de graduação no Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE-CAA), conta que foi sua incursão nos movimentos sociais que a motivou a ingressar no ensino superior. A ativista relata que percebe haver um diálogo estabelecido entre a universidade e os movimentos sociais. Afirma que a universidade tem avançado em termos de inclusão, mas ressalta que muito precisa ainda ser feito, já que esse espaço parece inacessível a travestis, transexuais e pessoas oriundas das classes populares. Portanto, para ela, a universidade é espaço de disputa e território a ser conquistado. Ela diz:

[...] eu estudo no CAA e só conheço [uma] mulher trans a entrar na UFPE-CAA. Então, é um caminho árduo, temos que ocupar o espaço e ainda firmar pontos de igualdade dentro da própria universidade. A universidade cresceu, mas ainda falta avançar bastante nos currículos, no corpo docente, nas pesquisas, no interesse em apoiar determinadas pesquisas, acho que é nesse sentido [...] (Ativista LC 1, Entrevista: 20/05/2020).

A Ativista LC 2 ingressou nos movimentos sociais a partir de seu encontro com a universidade. Ela nos conta que experimentou, durante sua formação universitária, um desenvolvimento da consciência política. Segundo seu relato, antes de ingressar no ensino superior não compreendia as contradições sociais a partir da lógica coletiva. Foi no encontro com a diversidade de pessoas e ideias presente no ambiente acadêmico que começou a



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2022v31n1.61262

Autores: Allene Carvalho Lage; Perycles Emmanoel Macedo

Título do texto: Movimentos sociais e educação superior das mulheres: percursos formativos das ativistas do Coletivo Lutas e Cores em Caruaru-PE

desenvolver a consciência da coletividade e a necessidade do embate organizado. Tal qual a ativista anterior, ela percebe que existe ainda muita desigualdade nas faculdades e universidades do Brasil. Sendo aluna de uma instituição privada, via Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES), aponta que a desigualdade econômica foi uma realidade marcante em sua experiência universitária:

[...] Eu comecei a me envolver (nos movimentos sociais) quando estava na metade da faculdade, quarto ou quinto período [...] não tinha uma consciência política muito coletiva [...] depois de ingressar no ensino superior, eu tive oportunidade de conhecer diversos tipos de pessoas, diversos tipos de conhecimentos e, assim, fui aprimorando essa consciência política. [...] De alguma maneira, eu me sentia meio excluída naquele ambiente, sabe? Era muito privilégio. Havia alunos da minha idade, mas que já tinham carro, apartamento, tudo. Eu não entendia muito bem o porquê (Ativista LC 2, Entrevista: 09/06/2020).

A Ativista LC 3 também passou a sentir necessidade de empreender uma formação acadêmica após sua incursão nos movimentos sociais. Em sua fala, um aspecto significativo aparece: a influência que os movimentos sociais exercem no sentido de provocar nos sujeitos o desejo de formação superior. Ela revela que percebe um movimento de influência que parte dos movimentos sociais em direção à academia muito mais do que o contrário:

[...] o Lutas e Cores também me incentivou a querer uma vida acadêmica [...] Antes do meu ingresso no ensino superior, eu já era militante na escola, só que minha militância não era tão ativa quanto foi depois do Lutas e Cores [...]. É (importante destacar) o incentivo dos movimentos na formação. Eu acho que parte mais dos movimentos para a formação do que da formação para os movimentos [...] (Ativista LC 3, Entrevista: 23/06/2020).

No relato apresentado pela Ativista LC 4, tal qual encontramos no da Ativista LC 2, nos defrontamos com uma trajetória na qual foi o ensino superior que proporcionou o desenvolvimento da consciência política e, a partir daí, ocorreu o ingresso nos movimentos sociais. Em sua fala, conta que foi criada em um contexto religioso sectário e que, a partir de sua incursão na universidade, teve início o processo de desconstrução de si mesma e de seus familiares. Ela afirma:

[...] eu era muito isenta de consciência política. Não conhecia normas e estruturas, pensava muito quadrado. Era muito influenciada por parentes e pela mídia a pensar de um jeito muito individualista. Até entrar na faculdade de Administração Pública,



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2022v31n1.61262

Autores: Allene Carvalho Lage; Perycles Emmanoel Macedo

Titulo do texto: Movimentos sociais e educação superior das mulheres: percursos formativos das ativistas do Coletivo Lutas e Cores em Caruaru-PE

na ASCES, onde aprendi sobre políticas públicas, sobre o governo e suas estruturas e tudo que se relaciona com isso [...] (Ativista LC 4, Entrevista: 10/10/2020).

A partir desses excertos, podemos concluir que o ensino superior na trajetória dessas ativistas, pode apresentar-se como espaço de embates e disputa de territórios, como lugar ainda não acessível a determinados sujeitos, como promotor do desenvolvimento da consciência política, como ponte para os movimentos sociais e como experiência que possibilita a transformação individual, familiar e coletiva.

ANÁLISE

Justapondo o campo teórico e o empírico, podemos vislumbrar como essas categorias se relacionam de maneira concreta. Nossa primeira categoria – movimentos sociais – foi descrita teoricamente como expressão de conflito entre dois atores socialmente referenciados, cujos interesses são antagônicos. Vimos ainda que esses movimentos constroem um contradiscurso educativo e afirmamos que eles almejam a reelaboração da sociedade sob a perspectiva dos subalternizados.

Em nossas entrevistas, os movimentos sociais são descritos como agentes formativos capazes de transformar visões de mundo – de perspectivas limitadas ao individual, para olhares não generalistas, atentos aos sentidos do embate coletivo. Esses movimentos representam educação política, teórica/epistemológica, mesmo quando tal formação parece não interessar às instituições de educação superior – dado que nos possibilita apontar a existência de uma formação teórica dos movimentos sociais. Finalmente, segundo o relato das ativistas que entrevistamos, é possível dizer que essa modalidade da prática social propõe aos indivíduos e sujeitos práticas do cuidado de si.

Em busca de uma ampliação da compreensão teórica através da experiência empírica, podemos caracterizar os movimentos sociais nos seguintes termos: movimentos que expressam a insubmissão de determinados atores sociais diante de um sistema injusto; modalidade da prática social que almeja a construção de um contradiscurso educativo, através



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2022v31n1.61262

Autores: Allene Carvalho Lage; Perycles Emmanoel
Macedo

Titulo do texto: Movimentos sociais e educação superior das mulheres: percursos formativos das ativistas do Coletivo Lutas e Cores em Caruaru-PE

das práticas pedagógicas que executam, do que representam de pedagógico na sociedade em que se realizam e da formação teórica que possibilitam. Movimentos cujo caráter educativo proporciona aos indivíduos e sujeitos a forja de um olhar não generalista e uma proposta de cuidado de si, cujo resultado pode reverberar, inclusive, na mudança de estados de saúde mental.

Nossa segunda categoria – educação superior – aparece na literatura adotada como nível de ensino que incide sobre a reflexão científica e sobre o desenvolvimento da consciência política, além de possibilitar a inserção diplomada no mercado de trabalho. Esse tipo de formação foi um dos elementos que fomentou o movimento de desenvolvimento em espiral, que parte da educação e se alarga de modo a ampliar o debate e o engajamento feminino na disputa por cidadania. No caso das ativistas do LC, o ensino superior figura como lugar de disputas e como território a ser ocupado. Aparece ainda enquanto território sinalizado como possível pelos movimentos sociais. Mostra-se, por fim, como espaço de construção de uma perspectiva da coletividade.

Em síntese, podemos descrever o ensino superior da seguinte forma: nível de ensino que pode incidir diretamente sobre a consciência política de modo a ampliá-la; experiência preponderante na trajetória das mulheres brasileiras, já que possibilitou o movimento de desenvolvimento que parte da educação e alarga-se, de modo a ampliar o debate e a disputa por cidadania; espaço de disputa, no qual é preciso afirmar pontos de igualdade; modalidade educacional que pode propor a consciência da coletividade e que, muitas vezes, é assinalada como espaço possível pelos movimentos sociais.

RESULTADOS

A respeito da pergunta que dá origem a nossa pesquisa, qual seja, que elementos formativos contribuíram para que as ativistas do LC ingressassem nos movimentos sociais – podemos destacar os seguintes pontos:

Sobre nosso primeiro objetivo – destacar as principais concepções de movimentos



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2022v31n1.61262

Autores: Allene Carvalho Lage; Perycles Emmanoel
Macedo

**Titulo do texto: Movimentos sociais e educação
superior das mulheres: percursos formativos das
ativistas do Coletivo Lutas e Cores em
Caruaru-PE**

sociais compartilhados pelas ativistas do LC – pontuamos que as entrevistadas percebem nos movimentos a possibilidade da construção de um olhar para o coletivo não generalista. Todas as participantes assinalaram que foram os movimentos sociais que lhes descortinaram a importância da organização coletiva. Ainda sobre as concepções de movimentos sociais compartilhadas pelas ativistas, assinalamos que, em todas as entrevistas, seja de forma mais ou menos explícita, ecoa a compreensão de que os movimentos sociais propõem o empreendimento do cuidado de si (FOUCAULT, 2010).

A Ativista LC 1 relata que os movimentos sociais mostraram que ela não estava sozinha e que mulher não é uma categoria homogênea. Essa compreensão guarda dois núcleos distintos: a noção de unidade e a de coletividade. Tal reflexão permitiu que ela construísse uma noção de especificidade que, contudo, não se aparta do coletivo, já que, sob a égide de um movimento social feminista, é possível ser, a um só tempo, uma e muitas. A Ativista LC 2 conta que os movimentos sinalizaram para ela a possibilidade de protagonizar a própria vida. Se admitirmos que todos os seres humanos deveriam ser protagonistas de suas trajetórias, será preciso que reflitamos sobre o que leva alguém a compreender-se como coadjuvante em sua própria história. Nesse sentido, compreendemos que deste ponto emerge uma concepção de movimentos sociais como agentes de restituição do protagonismo dos sujeitos.

A Ativista LC 3 destaca que foi o movimento LGBT que lhe forneceu todo o acervo político/teórico/filosófico que a constitui. Ela conta que a formação política não constava entre os interesses curriculares de seu curso (Contabilidade). Ergue-se a questão: um curso de contabilidade precisa refletir sobre os desafios e história das mulheres? Ampliamos o questionamento da seguinte maneira: porque não empreender tal reflexão, uma vez que as mulheres foram excluídas também da Contabilidade? Nessa direção, percebemos haver aqui uma concepção de movimentos sociais como veiculadores de formação erudita. Por fim, a Ativista LC 4 assinala ter sido em seu diálogo com os movimentos sociais que descobriu-se em estados negação de si mesma, de seu corpo e de risco a sua saúde mental. Aqui se mostra, de maneira mais pontual, a compreensão de movimentos sociais como propositores de práticas de



cuidado de si.

Ao debruçarmo-nos sobre o segundo objetivo – apontar as principais compreensões acerca do ensino superior compartilhados pelas ativistas do LC – assinalamos que subjaz em todas as narrativas a noção de ensino superior como espaço de embates e disputas. Emerge de forma implícita e explícita a compreensão de que a educação superior ainda não pode ser descrita como uma experiência formativa inclusiva e igualitária. A Ativista LC 1 relata que somente uma pessoa trans participava do corpo discente da UFPE-CAA. A ativista LC 2 afirma que havia uma preponderância significativa de jovens economicamente favorecidos na instituição privada em que se formou. Assim, o ensino superior, afirmam as entrevistadas, é campo de disputa, nos quais é preciso afirmar pontos de igualdade. Essa disputa, pontua a Ativista LC 1, é travada no âmbito do currículo, do corpo docente, da lógica de fomento à pesquisa. Esse embate se materializa quando o currículo possibilita a reflexão sobre a diferença, sobre a inclusão ou quando essa possibilidade é sonogada.

Por último, o resultado do nosso terceiro objetivo – evidenciar a relação de mútua influência que se estabelece entre o ensino superior e os movimentos sociais na trajetória das ativistas do LC – nos mostra que podem existir certos paralelos entre essas duas instâncias. Como vimos, tanto a educação superior quanto os movimentos sociais, desempenham papel educativo – o qual se materializa através de elaborações teóricas e do olhar para o mundo concreto. A educação dos movimentos sociais é teórica quando, conforme aponta a Ativista LC 3, representa também a possibilidade de formação erudita. Já a educação do ensino superior, debruça-se sobre o concreto se, conforme orienta a LDB 9394/96, interessa-se pelos problemas da sociedade presente de modo a superá-los.

Todas as ativistas relatam que, com preponderância diferente em cada caso, tanto o ensino superior quanto os movimentos sociais atuaram de modo a promover e/ou ampliar o desenvolvimento da consciência política em suas trajetórias. A ativista LC 1 ingressou primeiramente nos movimentos sociais e lá encontrou motivação para empreender uma formação universitária. A ativista LC 2, no sentido oposto, descobriu no ensino superior a



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2022v31n1.61262

Autores: Allene Carvalho Lage; Percycles Emmanoel
Macedo

**Titulo do texto: Movimentos sociais e educação
superior das mulheres: percursos formativos das
ativistas do Coletivo Lutas e Cores em
Caruaru-PE**

necessidade de ingressar nos movimentos sociais. A Ativista LC 3 não somente parte dos movimentos sociais para o ensino superior, como afirma haver uma grande provocação dos movimentos sociais para que seus membros ingressem nesse nível de formação. A Ativista LC 4 sustenta que o ensino superior foi o ponto de partida em seu desenvolvimento político. Desse modo, julgamos razoável assinalar que, se é verdade que o ensino superior pode promover o desenvolvimento da consciência política engajada, é igualmente verdadeiro que há uma trilha para o ensino superior sendo apontada pelos movimentos sociais, que reconhecem a importância dessa formação para uma atuação mais qualificada do próprio movimento. Constitui-se, por conseguinte, um movimento de mútua influência – dos movimentos sociais para o ensino superior e do ensino superior para os movimentos sociais.

Assim, apontamos que o trato elaborado (científico/filosófico) das pautas políticas e os possíveis desdobramentos dessas abordagens, a argúcia que provém de uma formação que encara os problemas da sociedade e pensa estratégias de superação, o encontro formativo com a multiplicidade de vozes que ressoam na academia, mas também o defrontar-se com as incongruências do mundo através da mediação do contradiscurso educativo dos movimentos sociais, foram os principais elementos formativos que contribuíram para que as ativistas do LC ingressassem nos movimentos sociais.

Destacar o papel formativo dos movimentos sociais e o engajamento político da academia em superar os problemas da sociedade não significa dizer que eles sejam isentos de contradições. A contradição é inerente a tudo que é humano. Os movimentos sociais – expressão do conflito e da inconformidade dos subalternizados – por sua própria constituição, não podem deixar de ser combativos e isso não apaga o caráter acolhedor e cuidador que tentamos destacar nas linhas anteriores. O ensino superior – agora onde a polifonia de vozes que se chama ciência viceja no movimento de uma constante dialética – por sua própria especificidade, não pode deixar de ser agônico, isso, porém, não o destitui de sua faceta transformadora e propositora de descobertas e de significados. O que tentamos evidenciar foi que, se de fato podemos observar um movimento de desenvolvimento em espiral que parte da



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2022v31n1.61262

Autores: Allene Carvalho Lage; Perycles Emmanoel Macedo

Titulo do texto: Movimentos sociais e educação superior das mulheres: percursos formativos das ativistas do Coletivo Lutas e Cores em Caruaru-PE

educação, onde se encontram o ensino superior e os movimentos sociais, é preciso que conheçamos e nos apropriemos cada vez mais de ambos. Faz-se necessário, dados os inúmeros ataques e desmontes de que ambos têm sido alvos, que assumamos o que eles apresentam de limite, sem perder de vista o que eles representam de possibilidades.

REFERÊNCIAS

ALVES, Josué. E. D; BELTRÃO, Kaizô. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: Fundação Carlos Chagas; São Paulo: Editora Autores associados, v. 39, n. 136, p. 125-156, jan./abr. 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise do conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARRETO, Andreia. A mulher no ensino superior: distribuição e representatividade. **Cadernos do GEA**. Rio de Janeiro. nº 6. p. 1-52, jul./dez. 2014.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo: a experiência vivida**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2016.

COSTA, Ana Alice. O Movimento Feminista no Brasil: dinâmica de uma intervenção política **Revista Gênero**, Niterói: v. 5, n. 2. 2005.

FOUCAULT, Michael. A hermenêutica do sujeito. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 2010.

GATTI, Bernadete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. 3ª ed. Brasília: Liber Livro Editora. 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GISI, Maria Lourdes. A educação superior no Brasil e o caráter desigual do acesso e da permanência. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n.17, p. 97-112, jan./abr. 2006.

HAHNER, June. E. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: UDINESC, 2003.

LAGE, Allene. **Desdobramentos da educação superior da mulher dentro dos movimentos feminista e LGBT**. Percursos políticos e pedagógicos de ativistas da Marcha Mundial das



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2022v31n1.61262

Autores: Allene Carvalho Lage; Perycles Emmanoel
Macedo

Titulo do texto: Movimentos sociais e educação superior das mulheres: percursos formativos das ativistas do Coletivo Lutas e Cores em Caruaru-PE

Mulheres e do Lutas e Cores em Caruaru – PE: 2018. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/projetoPesquisa/viewProjetoPesquisa.xhtml?popup=true&idProjeto=560158>. Acesso em: 15/09/2021.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação: da antiguidade aos nossos dias**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

PICOLLOTTO, Everton Lazzaretti. Movimentos sociais: abordagens clássicas e contemporâneas. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**. Juiz de Fora, nº 2. Jan. 2007.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo – SP; Fundação Perseu Abramo, 2003.

RAGO, Margareth. Epistemologia Feminista, Gênero e história. In: PEDRO, J; GROSSI, M. (orgs). **Masculino, Feminino, Plural**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

SANTOS, Boaventura. **Conflitos urbanos no Recife: o caso “Skylab”**. Revista Crítica nº11, maio, Coimbra, 9-59, 1983.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol.20, p.71-99, Jul/dez, 1995.

SILVA, Maria Salete da. Democracia e sujeito: uma relação indissociável na obra de Alain Touraine. **Emancipação**, Ponta Grossa: v. 8 n. 2. p. 21-34, 2008.

STRECK, Danilo. Movimentos sociais: abordagens clássicas e contemporâneas. In: **Periódico do Mestrado em Educação UCDB**, nº 22, jul/dez 2006, Série Estudos, Campo Grande, p. 99- 111.

TOURAINÉ, Alain. Na fronteira dos movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, nº1, p. 17-28, jan./abr. 2006.

**SOCIAL MOVEMENTS AND HIGHER EDUCATION OF WOMEN:
EDUCATIONAL JOURNEYS OF ACTIVISTS OF THE COLLECTIVE LUTAS E
CORES IN CARUARU-PE**



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2022v31n1.61262

Autores: Allene Carvalho Lage; Perycles Emmanoel
Macedo

Título do texto: Movimentos sociais e educação superior das mulheres: percursos formativos das ativistas do Coletivo Lutas e Cores em Caruaru-PE

ABSTRACT: This article intends to identify the main formative elements that contributed for the women activists of the LGBT Fights and Colors Collective to join social movements. In our theoretical framework, we seek to define social movements and show their educational character, we also seek to discuss higher education in Brazil as a level of education that focuses on the development of political awareness. The empirical study was elaborated from a qualitative approach, adopted the Extended Case Method and used the semi-structured interview to survey the material that was studied through Content Analysis. The research results show an association relationship between social movements and higher education. They point out that the scientific treatment of political issues, both in social movements and in academia, as well as the encounter with a diversity of ideas in both spaces were the main elements that contributed to these activists joining social movements.

Keywords: Higher Education; Social Movements; Education.

MOVIMIENTOS SOCIALES Y EDUCACIÓN SUPERIOR DE LAS MUJERES: VÍAS DE FORMACIÓN DE ACTIVISTAS DEL COLECTIVO LUTAS E CORES EN CARUARU-PE

RESUMEN: Este artículo pretende identificar los principales elementos formativos que contribuyeron para que las mujeres activistas del Colectivo Luchas y Colores LGBT se unieran a los movimientos sociales. En nuestro marco teórico, buscamos definir los movimientos sociales y resaltar su carácter educativo, así como buscamos discutir la educación superior en Brasil como una modalidad de enseñanza que se enfoca en el desarrollo de la conciencia política. El estudio de campo se elaboró desde un enfoque cualitativo, adoptó el Método de Caso Extendido y utilizó la entrevista semiestructurada para relevar los datos empíricos que se trabajaron a través del Análisis de Contenido. Los resultados de la investigación indican que existe una relación de influencia mutua entre los movimientos sociales y la educación superior y señalan que el tratamiento científico de las agendas políticas, tanto en los movimientos sociales como en la academia, así como el encuentro formativo con una diversidad de ideas en ambos Los espacios fueron los principales elementos formativos que contribuyeron para que estos activistas se unieran a los movimientos sociales.

Palabras clave: Educación Superior; Movimientos Sociales; Educación.